



1 as perspectivas sociolinguísticas à obra de Monteiro Lobato, utilizando  
2 teóricos que abordem as questões entre sociedade e língua com fragmen-  
3 tos que comprovem a “participação” de Monteiro Lobato na obra. Temos  
4 como finalidade investigar de que maneira Monteiro Lobato emitiu opi-  
5 niões sobre variação linguística na obra *Emília no País da Gramática*,

6 Primeiro, abordamos o contexto histórico da sociolinguística, ra-  
7 mo da linguística que trata das relações entre língua e sociedade. Em se-  
8 guida, estudamos as possibilidades de interpretação sociolinguística no  
9 livro *Emília no País da Gramática*.

## 11 2. *Sociolinguística: histórico e fundamentos*

12 Observando que as abordagens estruturalista e gerativista ainda  
13 não estavam associadas à língua e seus diferentes fatores (como a varie-  
14 dade) é que, na década de 1960, desabrocha outra vertente da linguística:  
15 A sociolinguística, que tem como um de seus principais nomes William  
16 Labov. A sociolinguística nasceu contrapondo pontos linguísticos que  
17 existiam no século XX, que mostrou ser possível a variação linguística  
18 ligada não só aos fatores internos quanto externos da língua.

19 Criada o que se chama de abordagem sociolinguística variacionis-  
20 ta, com William Labov, esta abordagem não procura descartar o que varia  
21 e muda, mas usa estes mecanismos como estudo e usa também os artifí-  
22 cios que os outros linguistas excluíram da análise da língua. De acordo  
23 com William Labov, “toda língua apresenta variação, que é sempre po-  
24 tencialmente um desencadeador de mudança. [...] Como a mudança e va-  
25 riação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem  
26 estudar a outra”. (FIORIN, 2014, p. 149)

27 Falando ainda nas perspectivas da linguística soviética, Mikhail  
28 Bakhtin tece uma crítica acerca da visão de Saussure com relação a  
29 “perspectiva abstrata estruturalista”. Para Mikhail Bakhtin, a língua deve  
30 inteirar-se à comunicação verbal e estando essa comunicação dentro de  
31 um contexto. Ou seja, as mudanças que a língua possui são modificadas  
32 através dos contextos que ela começa a ter à medida que são historica-  
33 mente movidas, ou seja, a forma como ela pode se relacionar. Na visão  
34 bakhtiniana, “para o sujeito falante o que importa é a língua em uso real,  
35 em uso prático, em outros termos, a língua concreta, em pleno funciona-  
36 mento”. (BAKHTIN, 1999, *apud* LIMA, 2010)

1 Foi no século XX, depois de muitos anos de a ideia estruturalista  
2 ter imperado, que a sociolinguística tomou seus rumos como estudo da  
3 linguística. A sociolinguística baseia-se nos estudos de Antoine Meillet,  
4 que afirma a língua ser analisada por ações exteriores, além de ser caracte-  
5 rizada por ser social e ativa, podendo ser justificada pela transformação  
6 da sociedade. Este ramo também tem raízes em Mikhail Bakhtin, que  
7 traz a ideia de uma língua repleta de ideologia e por ser um instrumento  
8 de caráter social. (LIMA, 2010)

9 William Labov impulsionou seus trabalhos através de uma pes-  
10 quisa da língua inglesa, na área de fonética/fonologia em Massachusetts,  
11 na ilha de Martha's Vineyard, ano de 1960. O estudo da sociolinguística  
12 atua onde “supostamente o falante se preocupa mais com o que dizer do  
13 que o como dizer” (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 149 in: NEAD-  
14 UESC, 2011, p. 6). William Labov acredita que não se deve focar apenas  
15 no que é apenas de natureza linguística. A explicação e o funcionamento  
16 da língua devem ser buscados de acordo com as forças que estão agindo  
17 sobre ela, ou seja: como está inclusa na sociedade. O sociolinguista criti-  
18 cava Saussure por acreditar que um fato linguístico pode ser explicado  
19 por outro fato linguístico, o que se pode chamar de princípio da imanên-  
20 cia, que, em relação aos estudos de Saussure, significa utilizar o objeto  
21 apenas por sua parte interna, excluindo qualquer tipo de interferência ex-  
22 terior.

23 Os postulados labovianos esmiúçam propostas relevantes acerca  
24 da variação linguística: a relação entre sociedade e língua, a busca pela  
25 diminuição do preconceito linguístico, regras que podem ser estabeleci-  
26 das através de aspectos linguísticos e extralinguísticos. A proposta de  
27 William Labov ao estudar língua e sociedade visa compreender e analisar  
28 as comunidades da fala, a evolução que língua pode passar em seu con-  
29 texto social.

30 A sociolinguística tem estado até hoje em constantes estudos para  
31 que mais descobertas linguísticas sejam desvendadas e desenvolvidas. O  
32 estudo sobre as diferentes formas de falar e quais motivos essas línguas  
33 são impulsionadas a variarem fazem as pesquisas tornarem-se cada vez  
34 mais interessantes e com magníficas descobertas. Dentre estas descober-  
35 tas pode-se chegar a um conceito que está altamente ligado aos estudos  
36 sociolinguísticos: a variação linguística. Segundo Tânia Maria Alkmim  
37 (2001), a variação linguística é “...a existência de diversidade de varia-  
38 ção. O [...] emprego de diferentes modos de falar” (ALKMIM, 2001, p.

1 32). O conjunto dessas variações é nomeada pela autora como repertório  
2 verbal.

3 Nenhum tipo de variação, por menor que seja, deve ser criminali-  
4 zada. O sociolinguista deve, em suma, entender que qualquer variação  
5 linguística é de extrema importância para o prosseguimento do estudo  
6 linguístico, entendendo, também, que nenhum tipo de variação atrapalha  
7 a comunicação. É importante ressaltar que o tipo de escrita e fala refle-  
8 tem e revelam a identidade de um povo, de uma região, de uma nação.

### 10 **2.1. Variação linguística como teoria e as mudanças da língua**

11 O ponto central na estrutura apresentada por William Labov é a  
12 influência da sociedade na análise da língua. Para o sociolinguista, “mu-  
13 dança é questão de frequência” (LABOV, 1994, p. 25 *apud* FREITAG, p.  
14 48). Entendendo esta fala de William Labov, consegue-se perceber que o  
15 início de toda variação ocorre em um ambiente mais propício e, paulati-  
16 namente, chega aos locais menos desejados. Isso ratifica a forma como  
17 cada regra é aplicada ao contexto social.

18 No conceito laboviano, a variação é essencial e heterogênea. Em-  
19 bora a heterogeneidade esteja presente, é necessário entender que a vari-  
20 ação é um sistema e que, por isso, pode ser destrinchada, dividida. Um  
21 fato que colabora com essa afirmação é que as pessoas que vivem em de-  
22 terminado local conseguem se comunicar, se entender, estabelecer rela-  
23 ções mesmo possuindo variações linguísticas distintas. Nesse sentido, a  
24 Teoria da Variação pode analisar com afinco as diversidades de variações  
25 que a língua possui. Embora se relacione a heterogeneidade à ausência de  
26 regras, é verídico afirmar que há regras, devendo sempre lembrar que  
27 mesmo sendo heterogênea, a língua é um sistema e possui uma organiza-  
28 ção, o que se pode chamar de regras variáveis. Um exemplo desse siste-  
29 ma heterogêneo e sistemático é o uso do gênero nas palavras: nenhum  
30 cidadão fala “o menina” e sim “a menina”, pois entende que o artigo “o”  
31 acompanha, no geral, substantivos do gênero masculino. O que a socio-  
32 linguística vem defender são estas regras variáveis, onde a fala pode ser  
33 usada de uma forma em um contexto e de outra em qualquer outro de-  
34 terminado contexto social. Essa visão está se desenvolvendo para incor-  
35 porar não somente os aspectos internos que a língua possui, mas também  
36 os externos. (GÖRSKI & COELHO, 2010, p. 23)

1 A variação linguística é objeto teórico da sociolinguística. Torna-  
2 se o propósito de qualquer pesquisa envolvendo a língua. O que isso quer  
3 dizer, na verdade, é que do ponto de vista semântico, estas variações são  
4 diferenciadas pela fala, mas que no seu sentido real, representam os vá-  
5 rios modos de se dizer a mesma coisa. (LABOV, 1994, p. 25 *apud* FREI-  
6 TAG, 2010, p. 49)

7 Desrespeitar a individualidade linguística é desrespeitar as raízes  
8 de um indivíduo. Sobre este assunto, Marcos Bagno diz que, no objetivo  
9 de diminuir o preconceito no ensino de língua, que se deve ter respeito  
10 por qualquer tipo de variação linguística, visto que a variação de uma  
11 língua corresponde a sua cultura, seu caráter, entendendo que a língua  
12 perpassa sobre tudo, em que “nós somos a língua que falamos. A língua  
13 que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o  
14 mundo molda a língua que falamos”. (BAGNO, 2015, p. 201)

### 16 3. *Análise sociolinguística da obra Emília no País da Gramática, de* 17 *Monteiro Lobato*

18 Nesta seção, analisamos a obra *Emília no País Gramática* para  
19 compreender como esse livro é um importante complemento para o estu-  
20 do da variação linguística. O texto em questão teve sua primeira publica-  
21 ção em 1934, mas o conteúdo abordado é, em sua totalidade, atual. Mon-  
22 teiro Lobato relatou dificuldades, peculiaridades e conceitos na década de  
23 30 que só seriam analisados – com mais precisão – na década de 60.

24 Na história, tudo começa quando Pedrinho vai passar as férias na  
25 casa de Dona Benta. Todos os dias, a avó de Pedrinho tomava-lhe as li-  
26 ções de gramática com o intuito de reforçar o que aprendia na escola. Pe-  
27 drinho nunca gostou dessa matéria, pois reclamava que era cheia de con-  
28 ceitos difíceis de serem compreendidos, mas confessou à Dona Benta que  
29 se seu professor explicasse gramática da mesma forma que ela, “a tal  
30 gramática até virava brincadeira” (LOBATO, 2009, p. 14). Já no início  
31 do livro percebe-se uma crítica à rigurosidade e exigência autoritarista do  
32 ensino da gramática.

33 Emília participava dos momentos de estudos de Pedrinho até que  
34 teve a brilhante ideia de visitar o País da Gramática. O menino ficou per-  
35 plexo com essa hipótese, pois, para ele, Gramática se tratava apenas de  
36 um livro. No entanto, Emília mostrou-lhe que esse país existia, e então o  
37 menino serelepe, a boneca de pano, Narizinho e Visconde de Sabugosa

1 foram ao até então desconhecido país montados em Quindim, um rinoce-  
2 ronte muito entendido em gramática. A partir desse momento, iniciou-se  
3 a aventura. Monteiro Lobato traz à baila os diversos conceitos gramati-  
4 cais de forma lúdica, contendo desde fonética a etimologia, facilitando o  
5 entendimento e trazendo o gosto pela disciplina que é considerada difícil  
6 por parte dos estudantes. Destaca-se, para esta ocasião, o conceito de  
7 verbo utilizado por Monteiro Lobato na obra. Para o escritor, “verbo é  
8 uma palavra que muda muito de forma e serve para indicar o que os  
9 Substantivos fazem” (LOBATO, 2009, p. 52). Analisando esta definição  
10 a de Evanildo Bechara, por exemplo, vê-se que diz que o verbo é “a uni-  
11 dade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para ex-  
12 pressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (BECHARA, 2010, p.  
13 192), observa-se a simplicidade e clareza com que Monteiro Lobato usou  
14 para tornar o estudo de gramática (do modo geral) mais divertido e claro,  
15 fazendo com que o interesse pela disciplina crescesse e que os estudantes  
16 conseguissem vislumbrar a dimensão da língua.

17 Quando passeavam pelo País da Gramática depararam-se com o  
18 fenômeno do arcaísmo. Na concepção do sábio Quindim, as palavras ar-  
19 caicas “são expulsas do centro da cidade e passam a morar aqui, até que  
20 morram e sejam enterradas naquele cemitério [...]. Porque as palavras  
21 nascem, crescem e morrem [...]” (LOBATO, 2009, p. 22). Este tipo de  
22 fenômeno é uma contribuição para afirmar a ideia de que toda língua é  
23 viva, portanto, sempre passa pelo processo de renovação. De acordo com  
24 Marcos Bagno, “toda língua muda e varia. Quer dizer, muda com o tem-  
25 po e varia no espaço” (BAGNO, 2015, p. 22). Em virtude de a língua ser  
26 um objeto vivo e variante, temos, na obra, o exemplo da palavra OGA-  
27 NO, que, depois de tantas transformações ocorridas com o tempo, veio a  
28 chamar-se este ano (LOBATO, 2009, p. 23). Na época em que a obra foi  
29 escrita, um fenômeno linguístico tão comum na sociedade, a gíria, era  
30 vista como algo muito ruim, usado apenas por “criadas, empregadas, por  
31 malandros ou gatunos, ou então por homens de um mesmo ofício. [...]”  
32 Para o resto do povo nada significam”. Camargo (LOBATO, 2009, p. 24-  
33 25), na edição comentada de *Emília no País da Gramática*, expõe que este  
34 tipo de recurso linguístico perdeu o rótulo pejorativo que possuía. Ho-  
35 je, as gírias constituem a verdadeira face de uma renovação da língua.  
36 Apenas deve-se atentar às situações em que forem utilizadas. (LOBATO,  
37 2009, p. 24-25)

38 Algo interessante de ser analisado na obra é que até mesmo as  
39 nomenclaturas gramaticais sofreram alterações. O que eram adjetivos ar-

1 ticular e conjuntivos, por exemplo, hoje são, respectivamente, os arti-  
2 gos e pronomes relativos. O que era participio presente hoje se chama ge-  
3 rúndio (LOBATO, 2009, p. 43-49). Percebe-se que a norma culta, por  
4 mais endurecida que seja quanto às suas mudanças, sofreu variação ao  
5 longo do tempo.

6 No momento em que a turma do Sítio estava na Casa dos Prono-  
7 mes, veio a discussão do pronome tu e você. Até mesmo naquela época  
8 tu já iria para o Bairro das Palavras antigas por não ser mais utilizado  
9 com muita frequência, sendo apenas seu uso em questões bastante for-  
10 mais. Se naquela época esta forma pronominal já não era utilizada, muito  
11 menos hoje (LOBATO, 2009, p. 50). Hoje o tu está apenas em locais iso-  
12 lados e seu uso não é o mesmo visto nos compêndios gramaticais. Da  
13 mesma maneira acontece com o pronome vós, que, segundo Marcos  
14 Bagno (2015, p. 70), “é um verdadeiro dinossauro linguístico” (BAGNO,  
15 2015, p. 70), ao enfatizar seu uso escasso. Edair Görski e Izete Lehmkuhl  
16 Coelho (2010, p. 24) e Marcos Bagno (2015, p. 22) identificam esta rela-  
17 ção como um tipo de variação linguística chamada diatópica.

18 Enquanto estavam passeando pelo Acampamento dos Verbos e  
19 Quindim estava explicando os quatro tipos de conjugações verbais com-  
20 parando-as a tribos (que hoje são três, mas no período da obra os verbos  
21 terminados em -or possuíam uma conjugação própria), explicou que na  
22 conjugação dos verbos como PÔR, em outro tempo escrevia-se POER,  
23 mas com o passar tempo o E foi retirado. Emília propôs que fizessem  
24 novamente um E para colocar nas palavras que haviam sido retiradas,  
25 mas Quindim respondeu que

26 os gramáticos mexem e remexem com as palavras da língua e estudam o  
27 comportamento delas, xingam-nas de nomes rebarbativos, mas não podem  
28 alterá-las. Quem altera as palavras, e as faz e desfaz, e esquece umas e inventa  
29 novas, é o dono da língua – o Povo. Os gramáticos, apesar de toda a sua  
30 importância, não passam de “grilos” da língua. (LOBATO, 2009, p. 54)

31 Essa afirmação contida na obra de Monteiro Lobato remete ao en-  
32 tendimento de que a língua é constituída pelo povo, sendo o próprio povo  
33 decisor do que entra ou sai dela. Celso Pedro Luft (1985, p. 17) reflete,  
34 com o mesmo posicionamento da obra, que “vale o que a comunidade  
35 dos falantes tacitamente (raro explicitamente) determina que vale. A lín-  
36 gua é autodeterminada pelos seus usuários” (LUFT, 1985, p. 17). Para  
37 Mario Alberto Perini, “nosso conhecimento de língua é [...] complexo,  
38 incrivelmente exato e extremamente seguro” (PERINI, 1997, p. 11). Isso  
39 também se confirma quando as palavras homônimas pena (dó) e pena (de

1 escrever) conversam com Emília. Ao serem questionadas do porquê não  
2 usarem algum sinal para diferenciar as duas e não haver confusão, elas  
3 respondem: “não temos a liberdade de nos mudar a nós mesmas [...]”.  
4 Unicamente o USO lá entre os homens é que nos muda” (LOBATO,  
5 2009, p. 73). Os senhores gramáticos, que era, para Quindim, “gente que  
6 ganha a vida mexericando com as palavras” (LOBATO, 2009, p. 59),  
7 apenas podem fazer a descrição do que ocorre com a variedade que estão  
8 estudando, ao contrário da Gramática Normativa. Seu modo de funcio-  
9 namento apenas tem caráter prescritivo. No entanto, os gramáticos não  
10 conseguem, na maioria das vezes, descrever tudo o que acontece em ou-  
11 tros tipos de variedades da língua, visto que dependem de aspectos como  
12 sexo, hábitos, a cultura, a faixa etária, entre outros (LOBATO, 2009, p.  
13 54). Celso Pedro Luft também afirma que apenas a vivência dos usuários  
14 pode aprovar ou não o que está correto, por mais superiores que os gra-  
15 máticos fossem. A língua é uma norma regida pela prática, hábito e não  
16 por nenhuma outra estratégia autoritária. (LUFT, 1985, p. 18)

17 No momento em que a turma do Sítio do Pica-Pau estava passe-  
18 ando pelo Bairro da Sintaxe, Dona Sintaxe, uma senhora que é o modelo  
19 da norma culta, estava furiosa porque encontrou uma oração “aleijadi-  
20 nha” e que estava grafada como “Nós vai brincar”. Vendo isso, pronta-  
21 mente colocou o verbo em sua devida flexão de pessoa. Depois de ter  
22 ajudado a oração, ao olhar para Emília, descreveu qual era o seu papel  
23 naquele bairro.

24 Minha vida aqui é o que se vê. Tenho de estar fiscalizando todas estas  
25 senhoritas para que a cidade não vire salada de batatas. As frases que andam  
26 com a concordância na regra tornam-se claras como a água da fonte – e a  
27 clareza é a maior qualidade que existe. Tenho também de cuidar da *Colocação*  
28 ou da ordem das palavras na frente. [...] Têm de seguir certas regras para que o  
29 pensamento fique bem claro e bem-vestido. (LOBATO, 2009, p. 104)

30 O comportamento de Dona Sintaxe é o que a gramática normativa  
31 prescreve para a sociedade. O que fica claro é que a importância não está  
32 em um exercício pleno e natural da língua, mas uma linguagem que tenha  
33 a função de padronizar, exigir. Segundo Maria Helena de Moura Neves  
34 (2015, p. 61), “nenhuma palavra ou construção é em si e por si perfeita  
35 ou autêntica e, é, portanto, modelar; nenhum modo de dizer é, em si e por  
36 si, o melhor ou único a merecer uso [...]” (NEVES, 2015, p. 61). As  
37 construções existentes na sociedade não vêm por acaso. Todas elas são  
38 frutos do hábito. Assim como Dona Etimologia disse à Emília, “o que  
39 nós chamamos hoje de certo já foi erro em outros tempos” (LOBATO,  
40 2009, p. 79). Os conceitos de “certo” e “errado” não conseguem se esta-

1 belecer por muito tempo, pois não podem suportar o fenômeno da varia-  
2 ção linguística. As mudanças que a sociedade realiza através da lingua-  
3 gem forcem aos gramáticos a cederem quanto à norma-padrão. A gramá-  
4 tica normativa sofrerá alteração à medida em que a sociedade variar na  
5 língua através de seus hábitos, costumes etc. A construção corrigida por  
6 Dona Sintaxe possui uma explicação lógica para ser dessa forma. Estu-  
7 dos investigam que em todas partes do Brasil têm-se observado a con-  
8 densação das seis pessoas verbais para somente duas. Quando se conjuga  
9 o verbo amar, por exemplo, contemplando o estudo referido, tem-se a  
10 flexão amo para a 1ª pessoa do singular e ama para as demais. Até mes-  
11 mo o português padrão condensou as conjugações para três. (BAGNO,  
12 2015, p. 66-67)

13 Outro aspecto muito importante da obra é a forma como Monteiro  
14 Lobato trata a visão dos gramáticos com os Vícios de Linguagem. Dona  
15 Sintaxe os “conserva em jaulas como feras perigosas” (LOBATO, 2009,  
16 p. 110), obviamente para que não “atrapalhem” o bom funcionamento da  
17 língua. Quando passaram pelo Barbarismo, Dona Sintaxe disse que ele  
18 estava preso por gostar

19 de fazer as pessoas errarem estupidamente na pronúncia e no modo de  
20 escrever as palavras. Sempre que você ouvir alguém dizer PORIBIR em vez  
21 de PROIBIR, SASTIFEITO em vez de SATISFEITO, [...] PERCURAR e  
22 PERCISA em vez de PROCURAR ou PRECISA, saiba que é por causa desse  
23 cretino. (LOBATO, 2009, p. 111)

24 Para fins de análise, deve-se observar qual o conceito de erro uti-  
25 lizado no estudo de variação linguística, que, obviamente, não é o mesmo  
26 visto na gramática normativa. No exemplo acima, o erro não está ligado  
27 ao desvio da norma padrão, mas por não existir, de forma pormenorizada,  
28 expressões equivalentes em outras variedades linguísticas. Mas essas ten-  
29 tativas de usar a língua provam a existência de uma gramática interna e  
30 exemplificam a gama de articulações e teses que as pessoas utilizam para  
31 falar ou escrever. Expressões como “os menino”, “dois menino” não po-  
32 dem ser consideradas erros, pois estas variantes ocorrem em determina-  
33 das situações e contextos sociais (POSSENTI, 1996, p. 79-80). Já na óti-  
34 ca de Marcos Bagno (2015, p. 175-177), não há uma abordagem científica  
35 que comprove existir erro de português. Segundo o autor, “todo nativo  
36 de uma língua é um falante completamente capaz dessa língua, capaz de  
37 discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um  
38 enunciado”. O homem não pode errar aquilo que nunca aprendeu e não  
39 há como se aprender a língua materna, visto que ela nasce com o falante.  
40 O conceito de erro apenas se aplica àquilo que aprendemos posteriormen-

1 te a nossa língua materna (BAGNO, 2015, p. 175-177). As regras que os  
2 falantes usam para se expressarem são oriundas de uma gramática natu-  
3 ral, uma linguagem que vem de dentro do falante. (LUFT, 1985, p. 16)

4 Emília, ao deparar-se com o Provincianismo, perguntou quem era.  
5 Dona Sintaxe respondeu que este vício é o “que faz muita gente usar  
6 termos conhecidos em certas partes do país, ou falar como só se fala em  
7 certos lugares [...], como [...] NAVIU, MÉNINO, MECÊ, NHÔ etc.”  
8 (LOBATO, 2009, p. 114). A boneca de pano, não achando necessário sua  
9 permanência na prisão, tirou-o da jaula, afirmando que ele cooperava pa-  
10 ra que a língua passasse pelo processo de evolução. Pode-se observar que  
11 hoje o Provincianismo não é mais visto como uma transgressão à língua,  
12 mas é parte de uma das diversas variações linguísticas. Sobre esse assun-  
13 to, Sírio Possenti (1996, p. 75) disserta que o português padrão descarta  
14 todas as hipóteses que contrariam suas regras e tudo que está alheio a  
15 elas é tido como “erro”, “vícios de linguagem”, ou “vulgarismos”. Na vi-  
16 são do autor, nenhuma expressão pode ser eliminada e excluída da lín-  
17 gua, pois, em uma visão descritiva, esse fato deve ser analisado pelo uso  
18 entendendo quais são os meios que norteiam e levam as pessoas a fala-  
19 rem como falam.

20 No passeio pelo Bairro da Ortografia, Emília conversa com a se-  
21 nhora Ortografia quanto à observação das palavras não mudarem, perma-  
22 necerem da mesma forma como foram originadas. A senhora respondeu  
23 que a Ortografia Etimológica não gostava de nenhuma mudança nas pa-  
24 lavras. Gostava de que elas permanecessem da mesma forma. Mas Emí-  
25 lia, com toda esperteza, rebate a afirmação da senhora questionando que  
26 “se tudo na vida muda, por que as palavras não haveriam de mudar?”.  
27 Continuando a resposta de forma humorada, ela diz: “Até eu mudo.  
28 Quantas vezes não mudei essa carinha que a senhora está vendo?” (LO-  
29 BATO, 2009, p. 134). Monteiro Lobato estava, apenas com a pequena fa-  
30 la de Emília, mostrando o princípio da variação linguística. Quando Emí-  
31 lia foi ao bairro onde a Ortografia Etimológica morava, questionou-lhe a  
32 razão pela qual ela não aceitava a mudança das palavras. A senhora, tra-  
33 jada de um tom petulante e grosseiro, respondeu: “as palavras sempre ti-  
34 veram esse modo de vestir, e eu não “admito” que de um momento para  
35 outro mudem e virem aí umas sirigaitas “fonéticas”. As palavras têm uma  
36 origem e devem trajar-se de modo que quem as lê veja logo de onde pro-  
37 cedem” (LOBATO, 2009, p. 135). As falas da Ortografia Etimológica re-  
38 fletem a ideia de um purismo linguístico. Esse purismo pode ser refletido  
39 em alguns casos, como quando se tenta uma aproximação das falas origi-

1 nais – oriundas de Portugal – com as que se desenvolveram ao decorrer  
2 do tempo no Brasil, havendo a necessidade de elas estarem em estreita  
3 relação (BAGNO, 2015, p. 38). É necessário afirmar que todas as línguas  
4 passam pelo processo de variação e não há nenhuma sociedade em que  
5 sua totalidade fale do mesmo jeito. A variação linguística reflete o seu  
6 povo, a constante mudança na sociedade e estas mudanças, muitas vezes,  
7 são inconscientes, sendo essas mudanças e fatores que condicionam a ela  
8 objeto de estudo para os linguistas (POSSENTI, 1996, 33-34). Como dis-  
9 se Celso Pedro Luft (1985, p. 23), “a verdadeira gramática, imanente à  
10 linguagem, é algo vivo, por isso flexível”. O que acontece na língua, no  
11 que tange às variações, tem motivação e é explicado por uma metodolo-  
12 gia científica da língua, que é a sociolinguística, descrevendo as várias  
13 nuances linguísticas em seu real uso, podendo, com propriedade, enten-  
14 der a motivação dos falantes a usarem a determinada variação. (BAGNO,  
15 2015, p. 75-76)

16 Outra afirmação na obra é de bastante importância para o enten-  
17 dimento dessa questão. No momento em que Dona Etimologia explicava  
18 sobre a mudança fonética e etimológica das palavras entre o Brasil e Por-  
19 tugal, Narizinho observou que os portugueses trocavam o V pelo B com  
20 bastante frequência. Sobre o caso da cidade que estava, disse que o povo  
21 que residia lá falava muito melhor em relação às cidades com palavras  
22 mais antigas. A resposta de Dona Etimologia foi fundamental para expli-  
23 car a mudança e variação que as palavras desenvolvem à proporção que o  
24 tempo passa.

25 *Ambas têm o direito de falar como quiserem, e, portanto, ambas estão*  
26 *certas. O que sucede é que uma língua, sempre que muda de terra começa a*  
27 *variá muito mais depressa do que se não tivesse mudado. Os costumes são*  
28 *outros, a natureza é outra [...]. Tudo junto força a língua que emigra a*  
29 *adaptar-se à sua nova pátria. (LOBATO, 2009, p. 98)*

30 Maria Helena de Moura Neves (2015) afirma que “todas as varia-  
31 ções de uma língua têm a complexidade suficiente para cumprir as fun-  
32 ções a que se destinam, não havendo nenhuma variedade que tenha limi-  
33 tações cognitivas ou perceptuais” (NEVES, 2015, p. 62). Há uma grande  
34 dificuldade, por exemplo, de as escolas trabalharem o uso efetivo da lin-  
35 guagem. Um estudo onde a língua seja abordada em sua característica  
36 comunicativa. Os professores deveriam julgar seus alunos em suas práti-  
37 cas de comunicação, não em exercícios de fixação. Como disse Luís Fer-  
38 nando Veríssimo, “(...) a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de  
39 comunicação e deve ser julgada exclusivamente como tal”. (VERÍSSI-  
40 MO, 2002 *apud* LUFT, 1985, p. 16)

1 Quando Emília questionou o porquê de o Neologismo estar preso  
2 no Bairro da Sintaxe, Dona Sintaxe respondeu que este Vício de Lingua-  
3 gem fazia “as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gen-  
4 te entende” (LOBATO, 2009, p. 113). A resposta da boneca de pano defi-  
5 ne não apenas os neologismos, mas grande parte do que se defende a Va-  
6 riação Linguística. Emília discordou de Dona Sintaxe afirmando que

7 assim como há sempre crianças novas no mundo para que a humanidade não  
8 se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de  
9 Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem como já vimos, e se [...] impede a entrada de palavras, a língua acaba acabando. (LOBATO, 2009, p. 113)

12 Segundo Celso Pedro Luft (1985, p. 78), “todas as variantes são  
13 valores positivos na língua”. É impossível que não haja variações, porque  
14 isso acontece de forma natural em uma sociedade. A aquisição e criação  
15 de novas palavras são sinais de uma reciclagem e renovação da língua. E  
16 o mais interessante disso tudo é que para cada nova palavra há uma ex-  
17 plicação de âmbito científico que pode ser vista pela sociedade. O enten-  
18 dimento de que a língua tem mudanças e variações, que se constituem em  
19 parte na retirada, acréscimo ou inclusão de novas palavras, precisa estar  
20 cada vez mais enraizado na sociedade. (BAGNO, 2015, p. 200)

21 Após esse acontecimento, Emília passou pelo reduto etimológico  
22 com a intenção de promover uma reforma ortográfica na cidade e assim o  
23 fez, justificando que “a ortografia nova [...] facilita a vida. Quanto menos  
24 complicações, melhor” (LOBATO, 2009, p. 136). Escolheu diversas pa-  
25 lavras para mexer, perguntando todas as suas formações anteriores. A  
26 primeira palavra foi SABBADO, que recebeu essa nomenclatura por ser  
27 oriunda do hebraico SABBAT. Emília logo tratou de retirar o “b” em ex-  
28 cesso, tornando-se SÁBADO. A palavra, depois ter mudado de escrita  
29 “saiu lampeiríssima, pulando que nem um cabritinho novo que pilha  
30 aberta a porta do curral” (LOBATO, 2009, p. 138). Depois veio SCEP-  
31 TRO. Emília tirou as letras que não serviam para nada, restando CETRO.  
32 Assim foi com THESOIRO, que se tornou TESOURO, MACHINA por  
33 MÁQUINA, PROMPTO por PRONTO, PHOSPHORO por FÓSFORO,  
34 entre outras.

35 Monteiro Lobato, em tom humorístico, disse que o Brasil ficou  
36 envergonhado por ser mais atrasado que Emília em relação às palavras e  
37 optou por acatar o que a boneca havia dito, mas havia um outro problema  
38 a ser encarado: o exagero das acentuações. Acentos como a crase e o  
39 acento agudo, por exemplo, possuem o mesmo som com utilizações dife-

1 rentes. Na visão de Monteiro Lobato, nada justificava algumas palavras  
2 possuírem acentuação. Emília emitiu sua opinião dizendo que sua refor-  
3 ma ortográfica veio para facilitar as coisas e os acentos estavam fazendo  
4 contrário. Enfatizou que não aceitava isso. (LOBATO, 2009, p. 144)

5 Quindim confirmou a ideia facilitadora de Emília, entendendo que  
6 “a tendência natural de uma língua é para a simplificação, por causa da  
7 lei do menor esforço. [...] Mas a tal acentuação inútil vem contraria essa  
8 lei. Em vez de exigir menor esforço, exige maior esforço”. Ao observar a  
9 fala de Quindim, pode-se remeter àquilo que Marcos Bagno (2015, pp.  
10 182-183) diz ao explicar que a língua tem uma característica de conduzir-  
11 se “à economia, ao enxugamento” das palavras. Pedrinho afirmou que era  
12 obrigatório escrever as palavras com inúmeros acentos, mas Quindim  
13 respondeu que a língua “é uma criação popular na qual ninguém manda.  
14 Quem a orienta é o USO e só ele” (LOBATO, 2009, p. 145). Antes de  
15 irem embora, Emília estava procurando Visconde, que havia sumido e  
16 roubado o ditongo ãO, por seu problema cardíaco, devido a ter caído no  
17 mar quando fez uma viagem ao País da Fábula, levava muitos sustos ao  
18 ouvir palavras que terminasse com esse ditongo. Emília exigiu que ele  
19 devolvesse o ditongo à cidade e, assim, retornaram à casa de Dona Benta.  
20 E a história se encerra.

21 Esta incrível obra reflete o pensamento tão atual de Monteiro Lo-  
22 bato concernente ao estudo da Variação Linguística. Pela análise de fra-  
23 gmentos da obra e dos teóricos apresentados neste capítulo, pôde-se per-  
24 ceber que a sociolinguística estava presente antes mesmo de ter um estu-  
25 do pormenorizado sobre o assunto. Marcos Bagno louva o fato de Mon-  
26 teiro Lobato, mesmo tendo morrido na década de 40, ter conseguido se  
27 encaixar muito mais na visão sociolinguística do que os gramáticos atu-  
28 ais. Na visão do autor (2015, p. 56), Monteiro Lobato “estava muito mais  
29 por dentro das noções de linguística moderna do que muito ”professor”  
30 famoso que está aí hoje [...] fazendo sucesso na televisão com seus pro-  
31 gramas de gramática requintada” (BAGNO, 2015, p. 56-57). Monteiro  
32 Lobato ultrapassou seu tempo, evidenciando traços tão importantes para  
33 uma melhor compreensão da sociolinguística e como deve ser o compor-  
34 tamento no trato às diferentes variedades da língua.

#### 35 36 **4. Considerações finais**

37 O desenvolvimento do presente estudo buscou possibilitar uma  
38 melhor análise sobre como Monteiro Lobato ultrapassou sua época. As

1 afirmações contidas na obra estavam à frente do tempo em que a socio-  
2 linguística surgiu e tomou forma. A obra complementou o estudo da vari-  
3 ação linguística tornando possível, de forma lúdica, um entendimento  
4 mais fácil acerca do tema.

5         Pode-se perceber, também, a grande necessidade de um estudo as-  
6 síduo e aprofundado acerca da variação linguística. Por muitos anos a  
7 Gramática Normativa tentou ocultar o que é natural em uma língua: as  
8 várias faces de uma língua viva e dinâmica. Impondo regras e “decore-  
9 bas” sobre análises morfosintáticas, os compêndios gramaticais tratam a  
10 língua como um sistema uniforme, além de tentarem inculcar a ideia de  
11 que o português padrão é o único “correto” e limpo de toda e qualquer  
12 “sujeira” dos “erros” cometidos pelos falantes de língua materna.

13         Todos os teóricos abordados, bem como os trechos da obra em  
14 questão analisados nesta monografia, apontaram para o fenômeno da va-  
15 riação linguística, que está presente em toda sociedade. As falas de Mon-  
16 teiro Lobato confirmam isso, ainda que os estudos sociolinguísticos não  
17 estivessem em difusão na época em que sua obra foi escrita.

18         Os objetivos foram alcançados à medida que as teorias acerca do  
19 tema e as opiniões de Monteiro Lobato foram encontrando-se ao longo  
20 do trabalho. Foi possível a identificação e análise dos fragmentos da obra  
21 *Emília no País da Gramática* a partir dos pressupostos teóricos utilizados  
22 para fundamentar a tese. Os autores mais enfatizados, para este momento  
23 de análise, foram os que abraçavam as teorias sociolinguísticas, em que se  
24 pode perceber uma grande convergência entre teoria e a obra.

25         Pensar no trato às diferentes variações linguísticas que perpassam  
26 a sociedade é entender a dimensão de uma língua, a grandeza de sua re-  
27 formulacão e criação. A língua é muito mais do que um conjunto de re-  
28 gras onde se distingue o que é “certo” ou “errado”, analisada isoladamen-  
29 te, mas, sobretudo, uma ferramenta que une e adapta-se às diversas situa-  
30 ções sociais para aplicar uma efetiva comunicacão (ALVES, 2014, p. 31).  
31 A língua tem papel comunicativo e seu objetivo é fazê-lo de forma clara,  
32 para que o falante possa reger o meio que se comunica. Mais do que sa-  
33 ber inúmeras regras gramaticais, é “falar claro, escrever claro, de modo  
34 eficiente”. (LUFT, 1985, p. 19)

35         O trabalho buscou tornar-se relevante para o espaço acadêmico  
36 por ser um complemento para o estudo da variação linguística. Analisar  
37 autores que antecederam ao fenômeno da sociolinguística ajuda a se ter  
38 um melhor entendimento sobre como as noções de língua e sociedade

1 eram vistas e comentadas na época. Sobre Monteiro Lobato, o trabalho  
2 realizado demonstrou a opinião do autor que foi considerada, por Marcos  
3 Bagno (2015, p. 56), frente a sua época por tamanha perspicácia e enten-  
4 dimento sobre as questões da língua. Sua visão da sociolinguística era tão  
5 avançada que Monteiro Lobato reconheceu o processo de variação lin-  
6 guística e como isso poderia acarretar na sociedade, além das severas crí-  
7 ticas aos gramáticos da época. Segundo Monteiro Lobato, quando Emília  
8 realizou a revolução ortográfica no reduto etimológico, “o Brasil ficou  
9 envergonhado de estar mais atrasado que uma bonequinha e resolveu  
10 aceitar as suas ideias. E o governo e as academias de letras realizaram a  
11 reforma ortográfica”. (LOBATO, 2009, p. 113)

12 A pergunta norteadora da tese foi respondida à proporção que as  
13 teorias da variação linguística foram se unindo à obra de Monteiro Loba-  
14 to, esclarecendo, com maior precisão, o desenvolvimento da sociolin-  
15 guística e a comprovação do ponto de vista do autor sobre este assunto.

16 Monteiro Lobato, através de suas opiniões destacadas no livro,  
17 demonstrou um respeito às diversidades linguísticas e utilizou a persona-  
18 gem Emília para criticar a forma como os gramáticos tratavam a língua e  
19 acrescentavam estereótipos aos que falavam “errado”. Colaborando aos  
20 pensamentos de Monteiro Lobato, Antunes (2007, p. 32 *apud* ALVES,  
21 2014, p. 31) diz que a língua “é parte de nós mesmos, de nossa identida-  
22 de cultural, histórica social. [...] É a língua que nos faz sentir pertencendo  
23 a um espaço. É ela que confirma a nossa declaração: *Eu sou daqui*”. O  
24 desrespeito à língua é o mesmo que o desrespeito a uma pessoa, uma cul-  
25 tura, uma nação. E todo desrespeito deve ser combatido e erradicado.

26

27

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

28 ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda;  
29 BENTES, Ana Cristina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e*  
30 *fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

31 ALVES, Rosemeire. *FTD sistema de ensino: sim português: 7º ano: Ma-*  
32 *nual do Professor*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

33 BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. rev. e ampl. São Paulo:  
34 Parábola, 2015.

35 \_\_\_\_\_. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 17. ed. 4ª reimpr.  
36 São Paulo: Contexto, 2015.

- 1 COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística varia-  
2 cionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Do-*  
3 *mínios de Linguagem*, vol. 4, n. 2, p. 173-194, fev. 2011. Disponível em:  
4 <[http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618/6863)  
5 [618/6863](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618/6863)>. Acesso em: 22-10-2016.
- 6 GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete Lehmkuhl. *Sociolinguística*. Florianó-  
7 polis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em:  
8 <[http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%  
9 \[FSC.pdf\]\(http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%Adstica\_U\)](http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%Adstica_U)>. Acesso em: 09-03-2017.
- 10 FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. 3ª reimpr. –  
11 São Paulo: Contexto, 2014.
- 12 LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; M.  
13 M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- 14 \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge:  
15 Blackwell Publishers, 2001.
- 16 LIMA, Valquiria Botega de. O conceito de palavra sob o olhar de Mikha-  
17 il Bakhtin. *Revista Linguagem*, n. 12. Disponível em:  
18 <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/artigos\\_01.php](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/artigos_01.php)>.  
19 Acesso em: 09-03-2017.
- 20 LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. Ilustrações: Osnei e  
21 Hector Gomez. – 2. ed. coment. São Paulo: Globo, 2009.
- 22 \_\_\_\_\_. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008.
- 23 LUFT, Celso Pedro. *Língua & liberdade: por uma nova concepção da*  
24 *língua materna*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- 25 NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?*  
26 *Norma e uso na língua portuguesa*. 4. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto,  
27 2015.
- 28 NÚCLEO de Educação a Distância (NEAD) – Universidade Estadual de  
29 Santa Catarina (UESC). *Sociolinguística: Surgimento, objeto e objetivos*.  
30 Mód. 2, vol. 5. Disponível em:  
31 <<http://nead.uesc.br/arquivos/letras/sociolinguistica/letras-mod2-vol5->  
32 [linguisticaii-sociolinguistica-aulai.pdf](http://nead.uesc.br/arquivos/letras/sociolinguistica/letras-mod2-vol5-linguisticaii-sociolinguistica-aulai.pdf)>. Acesso em: 13-02-2017.
- 33 PERINI, Mario Alberto. *Sofrendo a gramática*. 3. ed. São Paulo: Ática,  
34 2003.

- 1 POSSENTI, Sírio. O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, Izabel.
- 2 (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996.